

DN 25.8.57
RN 349

SESTA

RUBEM BRAGA

E como o dia amanheceu com sol, achei bom ir à praia. Agi com sabedoria. A um senhor de corpo combalido e alma perrenque nada faz tão bem quanto o sol à beira-mar. Além disso, é barato. Havia môças belas, e dois casais tão quietamente amorosos entregues aos mais longos e perdidos cafunés, que a gente tinha a impressão de que o Brasil é um país feliz.

Lembrei-me de um português que conheci há muitos anos, em uma pensão do Catete. Era ou se dizia pilôto mercante, mas estava em férias. Seu quarto tinha uma varanda; ele passava as tardes ali, de pijama, deitado, com a cabeça no colo da mulher. A mulher era uma morena razoável, e seus dedos finos passavam horas acariciando os cabelos do homem.

Um dia o casal sumiu; scubemos então que o homem estava sendo procurado pela policia por causa de alguma falcatura, e além disso realizara a proeza de ficar devendo quatro meses de pensão. Um mandrião, comentou o porteiro lusitano.

Sim, era um mandrião; mas nunca, nem antes nem depois, homem nenhum me deu a impressão de ter tanta capacidade de ser feliz. Aquêlê merecia não fazer nada; deleitava-se em ouvir o canário do vizinho, tinha sempre um ar distraído e bem humorado e só chamava a mulher de princesa. Espero que jamais o tenham prêso; era um tipo amorável e de boa paz e me disse mais de uma vez: «Eu adoro o Brasil; a gente cá é muito boa».

Tenho a impressão de que neste momento mesmo em que me ocupo com esta mesquinha faina o bom do português deve estar cochilando em algum colo de mulher, em algum canto dêste mundo de Deus.

E' possível que eu o inveje, como invejei os namorados de hoje na praia. Mas é uma inveja cordial. Um canário canta na vizinhança, como naquela remota pensão, e como a crônica chegou ao fim eu também posso dormir minha modesta e solitária sesta. Vou-me à rêde; adeus, minhas flôres.

P.S. — «Crime no Espírito Santo» — Em outro local desta edição publica-se hoje a carta que, a respeito da crônica assim titulada, nos escreveu o sr. José Lindenberg, diretor da Cia. Vale do Rio Doce, já que, pela sua extensão, seria impossível transcrevê-la nesta coluna.

DN - 29.7.67

318